

## “BERNARDA ALBA”

# Pode não ser a obra-prima de Lorca, mas há de ser uma glória do Terra

Chico Neto

“São apenas mulheres sem homem, nada mais”.

Este trecho do diálogo entre a criada (Robsom de Paula) e La Poncia (José Augusto Loureiro) sintetiza bem o drama das cinco filhas da sufocante e sufocada Bernarda Alba, personagem título da peça que está se apresentando, em montagem do Grupo Terra, no Teatro da Scav. Original de Federico Garcia Lorca, este espetáculo enfoca a moral como um aterrorizador espectro que cegou gerações inteiras e abortou, dos mais jovens, todas as possibilidades de um dia poderem dizer para si mesmos que conheciam a satisfação, e nesse caminho, a felicidade.

Renato Saudino, diretor e ator desta bela montagem com que o grupo Terra volta à cena, pretendia inicialmente fazer um trabalho em cima de três peças de Lorca, reunidas em um único livro: *A Casa de Bernarda Alba*, *Yerma* e *Bodas de Sangue*. Prevalceu a primeira, que certamente tem consistido aperitivo para a aguçada sensibilidade do diretor em retomar o projeto primeiro. E isto porque Renato, numa apanhado interpretativo comum aos homens inteligentes, apreendeu dos três trabalhos um único fio condutor, que é o amor da mulher (leia-se o que dele pode vir a decorrer, consideradas as pressões seculares que pesam sobre a mulher e considerada, também, a aquiescência histórica que a mulher desempenhou sobre o machismo, em detrimento de si própria).

“Só conversa se ele conversar; só olha se ele olhar; e no mais cala-te” — Eis outro trecho de um diálogo em que Bernarda (Renato Saudino) explica a uma criada como portar-se diante de um homem. O que hoje as feministas mais radicais consideram um “desprezível objeto de prazer”, foi durante muitos séculos não só adorado, mas mantido como um senhor que se situava acima do bem e do mal: era o próprio Falo. A mulher não era ninguém diante de tamanha soberania — esta que, supunha-se, o homem tinha. E, de fato, o macho a exerceu durante algum bom tempo, enquanto administrador único dos bens da família e enquanto, ao longo dos anos, foi encontrando sempre aquela que, se por um instante chegou a ser a mulher de sua vida, pouco depois terá passado a ser nada mais que a mãe dos filhos, a empregada, a neutra. *Bernarda Alba* mostra a moral no esplendor de sua chaga viva, que se situa justamente

Bernarda Alba, de Garcia Lorca, montagem do Grupo Terra. De quarta a domingo, às 21 horas, no Teatro da Scav. Ingressos Cr\$ 500,00 (preço único). Direção de Renato Saudino, com José Augusto Loureiro, Alvim Barbosa, Renato Saudino, Jairo Pires, Robsom de Paula, Luiz Claudio Gobbi, Alvarito Mendes Filho, Isaú Firm, Valdir Castiglioni Filho, Ary Roaz. Até o dia 28 de setembro. Av. Beira Mar, ao lado do Ginásio Dom Bosco, telefone: 223-7391.

no ponto em que a burguesia passa a um status inferior. O que de mais resistente há de ter existido nesses tempos todos, com certeza, é a moral da burguesia em fim de carreira.

Cinco mulheres, obrigadas a um luto de oito anos, acabam por digladiar-se (a disposição do palco da Scav em arena foi perfeita para isto) na disputa por um único homem, que nada mais pretendia do que o dote da mais velha, Angústias. Enquanto isso, a vida passava lá fora, e Bernarda, a dominadora, encarcerava em casa suas filhas e sua mãe, louca, que por sinal era quem apresentava (como muitos loucos) os maiores sintomas de lucidez, nessa trama. Bernarda acompanhava os acontecimentos pelas frestas das janelas ou pelas informações que a velha criada, La Poncia, trazia. E manifestava-se especialmente ávida de vingança (de ser uma mulher frustrada) nos episódios em que a “honra” de alguma mulher era envolvida. No caso em que uma mulher da vila teve um filho às escondidas, matou-o e teve-o de volta à porta de sua casa, trazido pelos cães, Bernarda foi sintomática e taxativa: “*Deltem carvão ardente no sítio de seu pecado!*”.

A escolha do Grupo Terra não poderia ter sido melhor, e aí se incluem o autor, a adaptação, o palco e, principalmente, o bom time de atores. Curiosamente, todas as personagens, embora mulheres, são

representadas por homens, sem que estes utilizem quaisquer alegorias além das vestes. Isso sequer modificou, de maneira a prejudicar, a vida dessas personagens; pelo contrário, como previra Renato, favoreceu o distanciamento crítico necessário a que se deflagrasse um desempenho impecável. Destaques a todos à parte (que ali, de fato, há atores de tarimba) merece atenção especial Alvim Barbosa, que interpreta Maria Josefa, a mãe de Bernarda. Trata-se de uma personagem forte, acometida pela única loucura de saber exatamente o que se passava naquela masmorra imposta por Bernarda Alba. “Bernarda, cara de leopardo, Madalena cara de hiena”, vociferava ela, enquanto alucinava em cima de motivos de casamento e maternidade. Era, no entanto, a menos pirada da turma.

Ao final, de todas as filhas, a única que consegue possuir Pepe (o belo rapaz que pretendia a Angústias por noiva) é Adela, a mais nova. É também a única que, em toda a trama, mostra alguma fresta de luz diante das obscuras perspectivas que ofereciam, à matriarca e suas contidas filhas, a clausura sem justificativa. Mas Bernarda consegue sufocar até a última gota de sangue (fala-se muito de sangue nos diálogos) da família: Quando Adela a enfrenta, quebrando-lhe a bengala (e a autoridade) e anunciando-se como já sendo mulher de Pepe, Bernarda sai para matá-lo e ele escapa. E Adela, desejo satisfeito, enforca-se no quarto. A peça termina com um grito contido, defunta mandada vestir como donzela — “(...) Minha filha morreu virgem!” — e o terror, como dantes, velado.

Valeu o Terra ter demorado mais de um ano para voltar à cena (a última apresentação do grupo foi *Mamãe Desce ao Inferno*, de Amylton de Almeida, em julho do ano passado, no mesmo teatro). Valeram também todas as pestanas queimadas em cima das três histórias de Lorca (*Bernarda Alba*) parece ser história com H mesmo), e a exaustão dos ensaios e a luta para definir um elenco. Afinal, não há como negar que o Grupo Terra mostra-se absolutamente bem dotado, e que cada um tem dado o seu recado de maneira irrepreensível. Não só como atores — que todos o são e da melhor qualidade — mas como verdadeiros artistas que iluminam, adaptam, sonorizam, costumam e lutam com muita garra pela valorização do teatro da terra. Sem baurrismo: pelo teatro, mesmo.